



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

MONIQUE FERNANDA DE SOUZA SILVA

AFUNDE NO CHÃO: A OBJETIFICAÇÃO DO CORPO NEGRO.
Análise Crítica do filme *Corra!*

RIO TINTO, PB

2025

MONIQUE FERNANDA DE SOUZA SILVA

AFUNDE NO CHÃO: A OBJETIFICAÇÃO DO CORPO NEGRO.
Análise Crítica do filme Corra!

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Coordenação do Curso de Bacharelado em Antropologia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) Campus IV como requisito de avaliação para a obtenção do título de Bacharel em Antropologia.

Orientador: Prof. Dr. Marco Aurélio Paz Tella.

RIO TINTO, PB

2025

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S586a Silva, Monique Fernanda de Souza.

Afunde no chão : a objetificação do corpo negro.
Análise crítica do filme corra! / Monique Fernanda de
Souza Silva. - Rio Tinto, 2025.
40 f. : il.

Orientação: Marco Aurélio Paz Tella.
TCC (Graduação) - UFPB/CCAE.

1. Protagonismo negro. 2. Objetificação do corpo
negro. 3. Racismo estrutural. I. Tella, Marco Aurélio
Paz. II. Título.

UFPB/CCAE

CDU 316.647.8

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

No dia 25 de Fevereiro de 2025, reuniu-se, via Google Meet, a comissão julgadora, composta pelo Prof. Dr. **Marco Aurélio Paz Tella**, presidente da banca examinadora, pela Prof. Dra. **Kelly Emanuely de Oliveira** e pelo Prof. Dr. **Kelvin Emmanuel Pereira da Silva** para avaliarem o Trabalho de Conclusão de Curso da acadêmica **Monique Fernanda de Souza Silva**, matrícula 20190152574, como requisito para a conclusão de Curso de Bacharelado em Antropologia desta Universidade. O presente trabalho de conclusão tem como título: **AFUNDE NO CHÃO: A OBJETIFICAÇÃO DO CORPO NEGRO. Análise Crítica do filme *Corra!***, sendo orientada pelo Prof. Dr. **Marco Aurélio Paz Tella**. Após análise, foi atribuída média final 10,0, estando a aluna APROVADA. Por ser verdade, firmamos o presente.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **MARCO AURELIO PAZ TELLA**
Data: 05/05/2025 15:13:52-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Marco Aurélio Paz Tella

Orientador

Documento assinado digitalmente
 **KELLY EMANUELLY DE OLIVEIRA**
Data: 06/05/2025 14:32:58-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dra. Kelly Emanuely de Oliveira

Membro da Comissão

Documento assinado digitalmente
 **KELVIN EMMANUEL PEREIRA DA SILVA**
Data: 06/05/2025 09:36:39-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Kelvin Emmanuel Pereira da Silva

Membro da Comissão

AGRADECIMENTOS

No culto tradicional Iorubá, aprendemos que definir metas grandiosas, porém alcançáveis, é fundamental para vivermos com propósito e motivação.

Gostaria de agradecer primeiramente a Deus, aos meus ancestrais, às forças da natureza e a tudo e a todos que regem o mundo e que me deram vida. Agradeço profundamente à minha espiritualidade, que me proporciona orientação e força nos momentos de apreensão e anseio, oferecendo-me inspiração e serenidade para enfrentar cada desafio. Agradeço também à minha mãe, minha maior fonte de inspiração e resiliência. Ela é a personificação do amor materno e da ternura, combinando, de maneira única, força e sensibilidade.

Lembro-me do início da minha jornada acadêmica, quando me mudei para a Paraíba para realizar minha graduação em Antropologia. Estava distante de casa. Me recordo claramente das palavras de minha mãe: “Você irá conseguir, mas se não conseguir, eu estarei aqui e você poderá voltar para casa. Sempre estarei aqui.” Essas palavras foram um verdadeiro impulso para mim, e saber que sempre teria um lugar para voltar fez com que meu voo fosse ainda mais alto, mesmo diante dos desafios.

Não posso deixar de mencionar meu agradecimento à minha avó, cuja presença e amor incondicional foram fundamentais em minha trajetória. Sua sabedoria ancestral, apoio e encorajamento foram pilares essenciais que me fortaleceram ao longo do percurso. Ela me ensina a abraçar o novo com coragem, mantendo a cabeça erguida, revelando que a força que me habita está alinhada com meu verdadeiro propósito e que não há motivos para temer.

Durante a elaboração deste TCC, aprendi que a jornada é tão sagrada quanto o destino. Enxerguei meus caminhos abertos, respeitando o estágio inicial do meu processo — cada vasto oceano um dia foi apenas uma gota d’água. Acredito profundamente que o amor genuíno pelo que fazemos é uma ferramenta essencial para o capricho e satisfação, trazendo sentido e propósito às nossas ações.

Ao meu orientador-amigo, Marco Aurélio Paz Tella, por sua orientação paciente e responsável ao longo deste processo, sua parceria ao longo de minha trajetória acadêmica.

Seu direcionamento e apoio foi fundamental para a conclusão deste trabalho. Tenho grande admiração pela sua intelectualidade, profissionalismo e sensibilidade.

Agradeço também ao projeto “Ouvir, Refletir e Agir: A Sociedade do Vale de Mamanguape e as Relações Raciais”, do qual sou extensionista. Esse projeto me proporcionou uma educação valiosa sobre as relações raciais e me permitiu contribuir em rodas de conversa na escola ECIT Professor Luiz Gonzaga Burity, no município de Rio Tinto. Lembro com carinho nossa participação no evento “Dia da Consciência Negra na ECIT Burity”, quando conduzi, junto aos demais integrantes do projeto, uma dinâmica intitulada “Ler, Refletir e Agir”. Nesse contexto, analisamos e refletimos sobre situações do cotidiano de pessoas negras, ponderando os impactos físicos e psicológicos que essas situações podem causar.

No dia 22 de Julho de 2024, o projeto de extensão promoveu uma exibição e debate em torno do filme *Corra!*, reunindo discentes de Antropologia, especificamente da disciplina de Estudos Afro-brasileiros, ministrada por Marco Aurélio Paz Tella, além de estudantes de outras áreas e professores. Como estudante de Antropologia e extensionista do projeto, fui convidada a conduzir a roda de conversa logo após a exibição do filme. Durante o debate, levantamos discussões sobre negritude, racismo e supremacia racial, conectando essas questões com cenas do filme. A troca de ideias e perspectivas nesse debate enriqueceu significativamente minha pesquisa, ampliando meu desenvolvimento como pesquisadora e fornecendo novas abordagens para a análise fílmica.

Sou grata à escola ECIT Professor Luiz Gonzaga por proporcionar experiências que reforçaram minha formação como agente de transformação social. Essas vivências alinharam meu desenvolvimento acadêmico com um compromisso ético e político de combate ao racismo, aprimorando minhas habilidades de mediação, comunicação e ensino, essenciais para minha atuação profissional. Em especial, agradeço ao professor Kelvin Emmanuel Pereira da Silva, por toda a articulação e presença nas atividades desenvolvidas. Sua dedicação, participação e comprometimento foram essenciais para o sucesso das nossas atividades em conjunto.

Agradeço à professora Kelly Emanuely de Oliveira, não apenas por suas valiosas contribuições acadêmicas a este trabalho, mas, sobretudo, por me ensinar, com sensibilidade e compromisso, os princípios éticos fundamentais para a realização do fazer antropológico.

Agradeço também à minha rede de apoio, familiares e amigos, que se fizeram e se fazem presentes em minha vida, oferecendo suporte emocional e físico quando necessário. Não imaginava criar uma rede de apoio com tantas amizades leais em tão pouco tempo morando na Paraíba. Essa conexão tornou-se um alicerce fundamental, onde recebi amparo e conforto de pessoas que apoiam meus sonhos, vibram minhas conquistas e choram minhas lágrimas, lembrando-me da importância dos laços que construí aqui e que nos humanizamos por meio de conexões e relações. Eu sou por que nós somos.

Por fim, mas não menos importante, agradeço à força e serenidade que emergem das profundezas do mar, que me proporcionam tamanha orientação e calma em momentos turbulentos. A água salgada, com seu imenso poder de cura, sempre me encorajou com sua força de maré cheia, guiando-me com sabedoria ancestral e infundindo em mim gotas de coragem — *pequenas, mas poderosas doses de força e valentia*. A vastidão e beleza das águas me lembram da força protetora e da renovação que orientam minha trajetória acadêmica e pessoal.

**AFUNDE NO CHÃO: A OBJETIFICAÇÃO DO CORPO NEGRO.
Análise Crítica do filme *Corra!***

**SINK INTO THE GROUND: THE OBJECTIFICATION OF THE
BLACK BODY. Critical analysis of the film *Get Out!***

Discente: Monique Fernanda de Souza Silva
E-mail: moniquef.com@icloud.com

Orientador: Marco Aurélio Paz Tella

RESUMO:

Este projeto tem como objetivo analisar a objetificação do corpo negro por meio de uma crítica ao filme *Corra!* (2017), utilizando essa obra cinematográfica como base para refletir sobre questões raciais contemporâneas. A pesquisa concentra-se em três aspectos principais: a estereotipação do homem negro, a crítica ao mito da superioridade biológica e a mercantilização dos corpos negros, práticas que ecoam o legado escravocrata. Embora a análise tenha como foco o contexto dos Estados Unidos, onde o filme se passa, o estudo também traça paralelos com a realidade brasileira, evidenciando como o legado da escravidão e o racismo estrutural se manifestam de maneira semelhante em ambas as sociedades. Além da análise fílmica, a pesquisa adotou uma abordagem colaborativa, exemplificada pela promoção de um cine-debate na UFPB – Campus IV, organizado pelo projeto de extensão “Ouvir, Refletir e Agir: A Sociedade do Vale de Mamanguape e as Relações Raciais”. O evento teve como propósito conectar as temáticas abordadas em *Corra!* à pesquisa de TCC, ampliando a análise crítica da obra. A exibição do filme foi seguida por uma roda de conversa, na qual os participantes compartilharam diferentes perspectivas, enriquecendo a discussão e revelando novas camadas de interpretação sobre a estereotipação e objetificação do corpo negro, bem como sobre o racismo estrutural presente no filme. Ao examinar as formas pelas quais *Corra!* expõe e critica a persistência do racismo em estruturas sociais aparentemente inofensivas, este estudo evidencia como o cinema pode atuar como uma poderosa ferramenta para a compreensão e a crítica das estruturas opressivas. Dessa forma, a pesquisa contribui para o aprofundamento das discussões sobre representatividade negra no audiovisual, destacando o potencial do cinema como um meio de sensibilização e resistência contra as desigualdades raciais.

Palavras-chave: Protagonismo negro; Objetificação do corpo negro; Crítica cinematográfica; Racismo estrutural.

ABSTRACT:

This project aims to analyze the objectification of the Black body through a critical examination of the film *Get Out* (2017), using this cinematic work as a basis for reflecting on contemporary racial issues. The research focuses on three main aspects: the stereotyping of Black men, the critique of the myth of biological superiority, and the commodification of Black bodies, practices that echo the legacy of slavery. Although the analysis primarily addresses the United States, where the film is set, the study also draws parallels with the Brazilian reality, highlighting how the legacy of slavery and structural racism manifest similarly in both societies. In addition to film analysis, the research adopted a collaborative approach, exemplified by the organization of a film debate at UFPB – Campus IV, promoted by the extension project “Listening, Reflecting, and Acting: The Society of Vale do Mamanguape and Racial Relations.” The event aimed to connect the themes explored in *Get Out* to the undergraduate thesis research, expanding the critical analysis of the film. Following the screening, a discussion circle allowed participants to share different perspectives, enriching the debate and unveiling new layers of interpretation regarding stereotyping and objectification of the Black body, as well as the structural racism portrayed in the film. By examining how *Get Out* exposes and critiques the persistence of racism within seemingly harmless social structures, this study underscores cinema as a powerful tool for understanding and critiquing oppressive systems. Thus, the research contributes to the ongoing discussion on Black representation in audiovisual media, emphasizing the potential of cinema as a means of awareness and resistance against racial inequalities.

Keywords: Black protagonism; Objectification of the Black body; Film criticism; Structural racism.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|----|
| Figura 1 – Homem negro caminhando pela noite em um bairro de classe média braca enquanto fala no telefone..... | 18 |
| Figura 2 – Abordagem policial de Chris e Rose a caminho da casa dos Armitage..... | 20 |
| Figura 3 – Conversa de Rose e Chris com Missy e Dean na casa dos Armitage..... | 23 |
| Figura 4 – Chris chorando ao ser hipnotizado por Missy..... | 25 |
| Figura 5 – Observação de Chris pelos convidados da festa anual dos Armitage..... | 27 |
| Figura 6 – Chris conhecendo Logan King..... | 28 |
| Figura 7 – Georgina conversando com Chris, sorrindo enquanto chora..... | 30 |
| Figura 8 – Logan King ao despertar da hipnose, com o nariz sangrando..... | 31 |
| Figura 9 – Cena do momento em que está acontecendo o leilão pelo corpo de Chris... | 31 |

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| 1. INTRODUÇÃO | 10 |
| 2. PROCESSOS METODOLÓGICOS | 12 |
| 3. O TERROR CINEMATOGRAFICO COMO ESPELHO SOCIAL | 14 |
| 3.1 Protagonismo negro no cinema dos EUA..... | 15 |
| 4. ANÁLISE FILMÍCA DE GET OUT – CORRA! | 17 |
| 4.1 UM PEIXE FORA D’ÁGUA – Vulnerabilidade e Insegurança no Ambiente Predominantemente Branco..... | 18 |
| 4.2 Relação entre Chris e Rose..... | 19 |
| 4.3 A Raça Ariana Perfeita: A Apropriação da Suposta Superioridade Física..... | 22 |
| 4.4 O Estereótipo do Negro Violento e Agressivo..... | 23 |
| 4.5 “O Lugar Afundado”: A Reificação do Corpo Negro e a Desintegração da Identidade..... | 24 |
| 4.6 A Festa Como Leilão de Corpos: Reincenação Moderna da Escravidão..... | 26 |
| 4.7 Contemple o Coagula: A Metáfora da Transferência de Consciência Como Apropriação Colonial e Racial..... | 32 |
| 4.8 O Significado do Final: Liberdade Aparente ou Ciclos Interruptos..... | 35 |
| 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS | 36 |
| 6. REFERÊNCIAS | 38 |

1. INTRODUÇÃO

O filme *Corra!*, dirigido por Jordan Peele, oferece uma base rica para análises antropológicas e críticas ao abordar estereótipos racistas e a perpetuação do pensamento colonial. O objetivo desse trabalho é aprofundar a compreensão da estereotipação, objetificação e marginalização dos corpos negros. Intitulado *Get Out* no original, *Corra!* foi lançado em 2017, com o roteiro e direção de Jordan Peele. O filme acompanha a jornada de Chris, um jovem fotógrafo negro, que está prestes a conhecer a família de sua namorada branca, Rose. Ao conhecer a família de Rose, Chris se sente desconfortável e com a impressão de que algo está fora dos eixos. Logo, sua intuição se confirma quando descobre que a família sequestra pessoas negras para se apropriar de seus corpos e habilidades por meio de um procedimento científico, denominado O Coagula.

No filme, O *Coagula* atua como uma poderosa metáfora da dominação racial. A expropriação das capacidades e corpos negros ecoa práticas coloniais e escravocratas nas quais pessoas negras eram mercantilizadas e fetichizadas. O filme ilustra como essas práticas se baseiam em ideologias racistas históricas que objetificam os corpos negros, tratando-os como máquinas e objetos que suprem as necessidades e desejos da supremacia branca. Visto isso, *Corra!* questiona a própria noção de “progresso” em termos raciais, ao evidenciar como as estruturas de controle e exploração racial nos Estados Unidos persistem sob novas roupagens. A trama expõe que, mesmo em uma sociedade que se autodenomina pós-racial, a ideologia da supremacia branca continua operando de forma sutil, disfarçada por discursos de cordialidade, liberalismo e inclusão. Essa permanência pode ser compreendida à luz do contexto histórico norte-americano, especialmente a partir do legado das Leis Jim Crow.

Que belo filme de sabotagem é *Corra!* (Get Out). Jordan Peele suga a cartilha do “filme jovem de suspense” e, ao regurgitá-la, em vez de entregar um produto genérico, à moda “o sucesso dessa temporada”, nos oferece um filme aterrorizante fundado no desejo de elaboração de uma das mais complexas facetas do racismo, a saber: de um lado da moeda, admiração da branquitude por corpos negros e por mentes negras; do outro, o desdém e desmazelo por nossas vidas. Simples assim. (AUGUSTO, 2017)

Recorrendo ao terror psicológico e o suspense, Peele retrata o medo e os riscos que um afro-americano enfrenta em um país onde sua existência é desvalorizada e onde o racismo, a discriminação e segregação, continuam a persistir. O filme é um convite para

analisarmos como o controle e a dominação continuam a perpetuar, sendo através de processos econômicos, sociais e/ou políticos, realizando uma crítica incisiva à forma como o racismo é institucionalizado. Além disso, o filme critica a distorção de fatores biológicos para justificar a exploração dos corpos negros, exemplificando a ideologia racista histórica que considera tais características como “superiores” ou “exóticas”.

Os processos coloniais continuam a afetar a sociedade contemporânea. *Corra!* expõe como o racismo é manifestado através de uma combinação de “inocência” e preconceito real, resultando em situações dramáticas e explícitas de discriminação. O filme revela o racismo por meio de sutilezas e simbolismos, tornando-o evidente para aqueles que vivem a experiência de ser negro e exigindo uma percepção mais apurada dos que não compartilham dessa identidade, mas que se dispõem a observar a densidade ideológica e a violência dessas narrativas. A análise do filme, portanto, adquire um caráter político e antirracista.

Em linha com essa reflexão crítica, Djamilia Ribeiro (2019, p. 22) questiona: “O que, de fato, cada um de nós tem feito e pode fazer pela luta antirracista? O autoquestionamento, fazer perguntas, entender seu lugar e duvidar do que parece “natural”, é a primeira medida para evitar reproduzir esse tipo de violência, que privilegia uns e oprime outros.” *Corra!* oferece uma oportunidade para o exercício do autoquestionamento, e para a compreensão de como as estruturas racistas operam em nosso cotidiano. Assim como Chris, o protagonista do filme, é confrontado com situações de violência disfarçadas de normalidade, somos convidados a olhar a sociedade e identificar como naturalizamos comportamentos e discursos que perpetuam a opressão.

A desconstrução da ideologia da supremacia branca vai além de uma discussão acadêmica, é uma urgência para a mudança social. Em um contexto onde as desigualdades raciais estão profundamente enraizadas, é fundamental que constantemente analisemos nosso papel e nossa responsabilidade na luta contra o racismo. A análise crítica possibilita que as pessoas identifiquem suas próprias posições dentro da hierarquia racial, referindo os impactos dessas estruturas em suas existências. Esse processo de autoanálise torna-se essencial para confrontar a normalização da violência racial e para impulsionar transformações significativas nas relações sociais.

Conforme destaca Mireille Fanon, é fundamental tomarmos a consciência das dinâmicas que sustentam a exclusão e a marginalização, levando em consideração as diversas

vivências de raça e classe que influenciam nossas realidades. Fanon destaca:

Precisamos desconstruir a ideologia da supremacia branca, caso contrário, um por cento da população [continuará sendo] elite e 99% da população, “não seres”. A elite é o “ser” e 99% são o “não ser”. Mas dentro desses 99%, também temos uma hierarquia. Quanto mais branco você for, mais seguro estará – ou poderia estar. Quanto mais negro, com certeza mais condenado. Isso exclui as pessoas. É uma coisa que temos que levar em consideração. (MIREILLE FANON PARA O BRASIL DE FATO, 2018)

2. PROCESSOS METODOLÓGICOS

A Antropologia Visual¹, ao investigar as representações culturais e as dinâmicas de poder nas imagens e filmes, oferece um campo fértil para a análise das identidades raciais, possibilitando uma reflexão crítica sobre as formas como o cinema pode promover ou desafiar estereótipos. Apesar do estudo antropológico estar muito fortemente ligado à escrita, a antropologia visual estabelece uma relação próxima com a imagem e com o registro fotográfico.

Este estudo busca conectar o contexto histórico com a análise cinematográfica, posicionando o cinema não apenas como entretenimento, mas também como uma ferramenta fundamental de educação e reflexão crítica. A utilização da antropologia visual como ferramenta pedagógica é essencial, pois as representações visuais têm o potencial de gerar reflexões críticas e impulsionar transformações sociais.

Utilizando o filme *Corra!* como objeto principal de análise, o trabalho explora como a narrativa cinematográfica reflete e critica o racismo estrutural. O filme foi escolhido devido à sua abordagem inovadora do racismo no gênero de terror, e sua narrativa pode ser interpretada como uma metáfora da opressão racial contemporânea, que, de certa forma, remete à escravidão moderna. Seguindo os conceitos de Francis Vanoye e Anne Goliot-Lété (2008), reconheço que a análise fílmica exige um processo contínuo de autocrítica e flexibilidade intelectual, permitindo ajustar o percurso da análise conforme os imprevistos e

¹ “Com a ampliação do uso das imagens fotográficas pelos pesquisadores [...] exigiu-se uma nova abordagem teórica e metodológica dos estudos antropológicos. Com isso, a fotografia começa a ser proposta tanto como instrumento de pesquisa quanto como parte da interação entre o antropólogo e a cultura pesquisadora” (MATHIAS, 2016, p. 93).

novas descobertas durante o estudo do filme.

A análise crítica das simbolizações de racismo², estereótipos e dinâmicas³ de poder no filme será conduzida de forma qualitativa, por meio de descrições detalhadas das cenas seguidas de uma análise crítica dos elementos identificados. Ao assistir *Corra!* repetitivamente, identificaram-se nuances que, à primeira vista, foram passadas despercebidas.

Como apontam Vanoye e Galiot-Lété, “não é possível conduzir, elaborar, uma análise de filme apenas com base nas primeiras impressões” (VANOYE; GOLIOT-LÉTÉ, 2008, p. 13). O filme é repleto de detalhes e simbolismos que só se tornam evidentes após uma observação mais atenta e repetitiva. Analisar um filme em sua totalidade representa uma tarefa complexa e desafiadora, dado o vasto campo de detalhes e significados presentes. Um dos principais desafios, como aponta Penafria (2009), é que, na análise fílmica, usamos palavras que se referem a imagens e sons, o que torna o processo de tradução e interpretação mais desafiador.

Neste estudo, serão analisados tanto os aspectos visuais quanto narrativos do filme, incluindo a cinematografia, a construção dos cenários e o desenvolvimento dos personagens. Além disso, a revisão de literatura relevante contextualizará as representações no filme dentro dos debates sobre opressão racial, permitindo uma análise crítica das dinâmicas de poder presentes, e como estas podem promover uma compreensão mais profunda das questões raciais.

Como estudante com foco de pesquisa nas relações étnico-raciais e dinâmicas de poder, analiso como as produções audiovisuais podem tanto perpetuar estereótipos opressivos quanto desafiá-los. Escolhi o filme *Corra!* por acreditar no potencial transformador do audiovisual para expor injustiças raciais e estimular a resistência social. Este estudo tem como objetivo não apenas analisar as estruturas de racismo e apropriação racial presentes no filme, mas também explorar como essas representações visuais podem

² Por “simbolizações do racismo”, entende-se as representações simbólicas do racismo no audiovisual, abrangendo elementos que consistem em diálogos, estrutura narrativa, construção e desenvolvimento dos personagens e dinâmicas de poder. A análise dessas simbolizações busca compreender como o filme constrói, reforça ou tensiona as representações do racismo e suas implicações nas estruturas sociais de poder.

promover uma compreensão mais profunda e crítica das questões raciais, bem como os efeitos de um sistema historicamente opressor, contribuindo assim para o fortalecimento de um ativismo antirracista.

3. O TERROR CINEMATOGRAFICO COMO ESPELHO SOCIAL

Para Barbosa e Teodoro (2006, p. 6), é possível afirmar que: “a história da construção da linguagem fotográfica e cinematográfica desenvolveu-se paralelamente à elaboração dos métodos clássicos da antropologia. Houve muitas aproximações ao longo dessa história, mas, de forma geral, elas expressaram formas de olhar e de construir problemas de maneira homóloga — uma colaboração ao mesmo tempo distante e provocadora, mas que evidencia o quanto a antropologia, a fotografia e o cinema, enquanto construções culturais, podem compartilhar o desafio de entender e significar o mundo e sua diversidade.”

Segundo Santos (2009, p. 13), ao pensarmos sobre o terror como um gênero cinematográfico, é possível afirmar que: “entre os gêneros cinematográficos, o terror é o mais subestimado. Visto muitas vezes como território para mentes perturbadas, o terror se apropria de alegorias para, com eficiência, retratar os acontecimentos de sua própria maneira. Usando o medo como inesgotável fonte de ideias, o terror se fortaleceu como gênero narrativo ao mesmo tempo envolvente e repulsivo, gerando histórias que se equilibravam na corda bamba do socialmente aceito e do tabu.” Embora subestimado, o gênero de terror possui uma capacidade única de abordar temas complexos e tabu.

Desde a década de 1920, o gênero do terror tem sido explorado no cinema. Segundo Tavares (2010), um marco inicial foi o filme *O gabinete do Dr. Caligari* (1921) dirigido por Robert Wiene, considerado o primeiro filme de terror e fundamental para o desenvolvimento do horror psicológico. Outros filmes que contribuíram para o surgimento do gênero incluem: *O médico e o monstro* (John Barrymore, 1920), *Nosferatu* (Murnau, 1921) e *O fantasma da ópera* (Rupert Julian, 1925). Em 1968, Roman Polanski aterrorizou audiências em todo o mundo com *O bebê de Rosemary*, uma produção elogiada pelo seu horror psicológico, porém sua consagração ocorreu na década seguinte.

Vítimas de violências, com personagens ridicularizados, sendo os primeiros a

morrerem ou se sacrificarem para salvar o personagem branco, os negros apesar de terem participação ativa em filmes de terror, eram sempre colocados em segundo plano, um fato que mudou nos últimos tempos. No período entre 1960 e 1970, filmes de terror começaram a tratar negros como personagens robustos, com histórias e narrativas mais complexas, centradas na cultura e experiência da população negra.

A trajetória do cinema de terror é marcada por mudanças significativas na representação de personagens negros. O filme de terror experimental de Bill Gunn, *Ganja & Hess* (1973), segundo Robin, chegou ao cinema como uma provocação sobre raça, classe, doença mental e vício, o que fez a obra conquistar os críticos do Festival de Cannes. No entanto, nenhum estúdio de Hollywood quis distribuir o filme, visto que os filmes de maior sucesso em Hollywood colocavam negros em papéis de escravos, empregados, domésticos ou criminosos.

O filme de terror que quebra o clichê de que personagens negros são os primeiros a morrer é o longa *A Noite dos Mortos Vivos*, de George Romero (1968). O ator Duane Jones interpreta Ben, um personagem que lidera um grupo de brancos durante um apocalipse zumbi. Por mais que nas décadas de 1980, 1990 e 2000 os papéis pensados para os negros nos filmes de terror tenham novamente voltado para antigos estereótipos, diretores como Jordan Peele, Ernest Dickerson, Rusty Cundieff, Meosha Bean, Nikyatu Jusu e Deon Taylor têm apostado em personagens negros com narrativas que valorizam tanto os atores quanto a trama.

Jordan Peele, em seu primeiro filme dirigido, *Corra!*, gerou polêmica pela abordagem do racismo na sociedade norte-americana. Jordan Peele é um ator, diretor, roteirista e produtor norte-americano, nascido em 21 de Fevereiro de 1979, conhecido atualmente como um dos principais nomes da luta antirracista na indústria do cinema. Peele aplica o gênero de terror, tradicionalmente usado para criar alegorias, com o foco em retratar o ambiente racista como a base do terror psicológico, quebrando a reprodução discursiva dos estereótipos raciais sobre os corpos negros, frequentemente vistos apenas como fortes e resistentes.

3.1 Protagonismo Negro no cinema dos EUA

A representação de pessoas negras no cinema norte-americano é uma questão histórica

marcada por estereótipos e caricaturas, com raras exceções. Historicamente, a presença de atores negros, apesar de presentes, frequentemente representavam papéis coadjuvantes, ou de personagens problemáticos repletos de estereótipos: escravos, empregados domésticos, criminosos ou em situações de vulnerabilidade social. Essa contínua representação negativa não apenas reforça a objetificação do corpo negro, mas também trata esses personagens como objetos de exploração, tanto nas narrativas quanto pela própria indústria cinematográfica. Essa problemática será explorada em detalhes na análise crítica do filme *Corra!* (2017).

A história da representação de personagens negros em filmes norte-americanos é longa e complexa, repleta de estereótipos que refletem preconceitos raciais profundamente enraizados na sociedade. Essa representação, que frequentemente limita os personagens a papéis subalternos e exóticos, influencia a percepção cultural mais ampla sobre a população negra. Nesse contexto, Nganga (2019) observa:

A presença de negros e negras em filmes produzidos nos Estados Unidos, seja dentro ou fora do mainstream, circuito comercial hegemônico, é percebida desde os primeiros anos de atividades do cinema nesse país, final do século XIX e começo do XX. No entanto, essa presença era sublinhada por estereótipos que colocavam os personagens que quase sempre estavam na condição de figurantes e coadjuvantes em posições de bestialidade, subalternidade e exotismo, tríade de representações inspiradas, veiculadas, reiteradas na literatura produzida durante e pós-escravidão que ultrapassaram as páginas dos livros, bem como as telas do cinema e influenciaram no modus operandi que grande parte da sociedade americana utilizou para observar, compreender e agir perante a cultura e o comportamento da população negra de seu país. (Nganga, 2019, p. 55)

No gênero de terror, a escritora Robin R. Means Coleman, em seu livro *Horror Noire: Blacks in American Horror Films from the 1890s to Present* (Terror noir: negros nos filmes de terror americanos de 1890 até o presente, em tradução livre), explora como o gênero de terror, em particular, amadureceu em relação à representação de personagens negros. “O gênero de terror está amadurecendo e se tornando mais imaginativo e inclusivo — em quem pode ser herói e anti-herói e quem pode ser monstro e salvador” (COLEMAN, 2019). Contudo, no contexto do cinema de terror, a construção do negro muitas vezes enfatiza a diferença, “marcando as pessoas negras e sua cultura como o Outro” (COLEMAN, 2019, p. 38). Essa “outrização” reforça a ideia de que corpos negros são exóticos ou perigosos, quanto o racismo se manifesta na forma como essas narrativas desumanizam e objetificam. Assim, o terror não apenas explora a condição humana do negro em um contexto racializado, mas também revela o impacto do racismo na construção

da identidade negra nas telas.

Coleman distingue a diferença entre ‘filmes de terror com negros’ e ‘filmes negros de terror’, destacando que os filmes de terror com negros lidam diretamente com a população negra dentro de um contexto de terror. Sendo assim, essas obras são lançadas por grandes estúdios, produzidas por pessoas brancas para o público geral, algumas dessas produções usam de monstros fictícios a fim de abordar questões que envolvam negritude e raça, o conceito de bem e mal muitas vezes é centrado na questão racial destes filmes. Coleman exemplifica essa complexidade ao mencionar filmes como *King Kong* (1933), *A noite dos mortos-vivos* (1968), *A maldição dos mortos-vivos* (1988) e *O mistério de Candyman* (1992).

Para descrever os filmes negros de terror, Coleman destaca um foco narrativo distintivo que ressalta a dimensão da identidade racial. Segundo Coleman, esse tipo de produção tem como foco abordar a negritude de maneira mais abrangente, dessa forma, incorporando elementos que compõem a cultura negra, história, ideologias, experiências, políticas, estilo e música, por exemplo. Conseqüentemente, isso resulta em um comprometimento mais ético e autêntico com a negritude, evitando estereótipos racistas e explorando as complexidades e a realidade das vivências de pessoas negras dentro do contexto do terror.

4. ANÁLISE FILMÍCA DE GET OUT – *CORRA!*

O filme *Corra!* começa de maneira simbólica, com a cena de um homem negro caminhando por bairro de classe média branca à noite, descrevendo ao falar no celular, sua sensação de desconforto. Ele diz: “*É louco. Eu vim parar nessa... confusão desse bairro assustador... de classe média. É sério. Estou me sentindo um peixe fora d’água.*” Ao perceber a situação, muda o seu trajeto, porém, isso não impossibilita que ele seja abordado por um homem branco, que o agride e coloca o seu corpo no porta-malas do carro, sem dizer uma palavra. Essa sequência inicial expõe, de forma crua, o sentimento de vulnerabilidade e exclusão de pessoas negras em espaços tradicionalmente brancos.



Figura 1: Captura de tela realizada pela autora. Fonte: Arquivo pessoal.

4.1 UM PEIXE FORA D'ÁGUA” — VULNERABILIDADE E INSEGURANÇA NO AMBIENTE PREDOMINANTEMENTE BRANCO

O sentimento de ser um “peixe fora d’água” reflete a experiência de negros em ambientes dominados pela branquitude, onde sua presença é frequentemente marcada por microagressões e desconforto. Apesar de pessoas negras reivindicarem desses espaços, frequentar-los pode impactar negativamente a saúde psicológica, Ribeiro afirma que “o racismo produz um sofrimento psíquico, uma dor constante que atinge o emocional e o mental da pessoa negra...” (RIBEIRO, 2019, p. 35).

Grada Kilomba, em *Memórias da Plantação* (2019), ao realizar uma análise sobre o racismo cotidiano, observa que esse fenômeno se manifesta por meios das políticas espaciais, que segregam e isolam o sujeito negro dentro de um território branco. Kilomba explica que o racismo cotidiano é orientado por um “primitivismo moderno” que visa controlar o deslocamento e a circulação dos sujeitos racializados, projetando sobre eles uma fantasia colonialista de que são “indesejáveis” em certos espaços, o que reforça a sensação de deslocamento e exclusão em espaços embranquecidos, como um “peixe fora d’água”.

Esse controle, seja simbólico ou físico, e a constante necessidade de reafirmação da presença negra nesses espaços, intensificam a sensação de não pertencimento, que se reflete na escolha de áreas suburbanas ou isoladas. A trama revela como ambientes aparentemente

cordiais escondem uma ameaça mais insidiosa, expondo o poder da supremacia branca sobre os corpos negros.

4.2 RELAÇÃO ENTRE CHRIS E ROSE

A trama começa com um clima de romance entre Chris, um jovem fotógrafo negro interpretado por Daniel Kaluuya, e sua namorada branca, Rose, vivida por Allison Williams. No entanto, esse clima romântico logo se desfaz, dando lugar a um ambiente de receios e inseguranças que dominam Chris. Ele se sente apreensivo ao saber que irá conhecer a família de Rose, uma família branca, e questiona: “*Eles sabem que eu sou negro?*”, revelando seu desconforto e a insegurança diante do encontro com seus sogros. Segundo Fanon (2008, p. 75), “Historicamente, sabemos que o negro acusado de ter dormido com uma branca era castrado”, uma reflexão que dialoga com o domínio do opressor sobre o corpo do negro. Rose o tranquiliza ao garantir que seus pais não são racistas e, para isso, ela argumenta: “*Meu pai teria votado no Obama pela terceira vez se pudesse*”, um exemplo de como o racismo pode se disfarçar de liberalismo e inclusão.

A insegurança de Chris já havia sido antecipada por Rod, seu melhor amigo, que, em tom sarcástico, o alerta que tal situação poderia ser perigosa. Rod ironiza o fato de Chris estar entrando em um ambiente hostil. Apesar de ter falas por mais que consideradas “exageradas”, pode ser considerada uma previsão correta do que estava por vir. Durante a viagem para conhecer a família de Rose, um veado cruza a estrada e Rose acaba atropelando o animal, que morre instantaneamente. O que gera sentimento de mágoa no Chris. Logo após o incidente, a cena é intensificada quando o carro é parado pela polícia para uma abordagem. Rose quem está dirigindo, mas o policial pede exclusivamente os documentos de Chris. Chris não entende, mas entrega sua identidade. Rose questiona o policial: “*Espera aí, porquê? Ele não estava dirigindo. Não. Não tem que mostrar a identidade. Ele não fez nada de errado...*”



Figura 2: Captura de tela realizada pela autora. Fonte: Arquivo pessoal.

A atitude inicial de Rose ao confrontar a abordagem policial contra Chris pode, à primeira vista, parecer um ato de justiça, revelando uma postura de indignação diante do racismo estrutural. No entanto; essa cena expõe de forma contundente a realidade da desconfiança racial, evidenciada pelo tratamento hostil e arbitrário dispensado aos corpos negros. A escolha do policial em exigir os documentos de Chris, enquanto ignora Rose, ilustra como homens negros são sistematicamente alvos de suspeita, independente do contexto que eles se encontram. Como argumenta Lélia Gonzales (1984):

Desde a época colonial aos dias de hoje, percebe-se uma evidente separação quanto ao espaço físico ocupado por dominadores e dominados. (...) Além disso, aqui também se tem a presença policial; só que não é para proteger, mas para reprimir, violentar e amedrontar. (GONZALES, 1984, p. 232)

Essa desconfiança racial, conforme descrita por Gonzales, reflete um mecanismo de controle social sustentado pela supremacia branca, que insiste em manter corpos negros sob vigilância constante. A construção histórica do homem negro como inerentemente perigoso resulta em um monitoramento desproporcional em espaços públicos, alimentado por um ciclo de exclusão e marginalização. A abordagem policial, mesmo sem justificativa plausível, reitera a ideia de que o pertencimento do homem negro é sempre questionado. Seja ao lado de uma mulher branca em um carro de luxo, seja circulando em bairros de classe média ou alta, sua presença é automaticamente lida como inadequada, tornando a vigilância sobre eles um reflexo da lógica racial que estrutura as relações sociais.

Como bem destaca Almeida (2020), o racismo é:

uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconsistentes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam. (ALMEIDA, 2020, p. 32).

A cena em questão faz uma crítica explícita à violência policial direcionada à população negra, especialmente nos Estados Unidos, onde casos como o de Philando Castile ganham destaque. Segundo informações da BBC (2016), Castile foi parado por um policial devido a um farol quebrado e informou que portava uma arma legalmente. No entanto, enquanto tentava pegar sua carteira de motorista, foi baleado e morto. O caso foi amplamente denunciado por sua namorada, que transmitiu tal brutalidade ao vivo pelo Facebook, evidenciando o enquadramento racial que resultou em sua morte.

No Brasil, também vemos exemplos de trágicos que ilustram essa realidade. João Pedro Mattos Pinto, um adolescente de 14 anos, baleado durante uma operação policial no momento em que estava jogando vídeo game, em sua residência em São Gonçalo, no Rio de Janeiro, em Maio de 2020. Em 9 de julho de 2024, a Justiça do Rio de Janeiro absolveu sumariamente os 3 policiais da Coordenadoria de Recursos Especiais (Core) pela morte do adolescente João Pedro.

Ao chegarem à residência da família Armitage, fica evidente o caráter peculiar do local. Situada em uma área deserta, sem vizinhos ou qualquer movimentação nas redondezas, a casa transmite imediatamente uma sensação de isolamento e vulnerabilidade. Chris é recebido calorosamente pelos pais de Rose. Dean, o pai, conduz Chris por um tour pela casa, exibindo os retratos dos parentes e apresentando cada um deles. Ao mostrar a imagem de seu pai, Dean comenta sobre a derrota dele para Jesse Owens nas Olimpíadas de Berlim em 1936. Destacando como desafiou as teorias de superioridade racial ariana ao vencer na frente de atletas brancos e de Hitler, frustrando sua narrativa de supremacia. Dean comenta: *“Que momento! O Hitler ali, com aquela farsa de raça ariana perfeita. Aparece esse cara negro, e o contradiz diante do mundo todo. Espetacular.”*

4.3 A RAÇA ARIANA PERFEITA: A APROPRIAÇÃO DA SUPOSTA SUPERIORIDADE FÍSICA

Jordan Peele expõe, com sutileza, a exploração histórica da ideia de superioridade física dos negros nos esportes, usando Jesse Owens para evocar a tensão racial. No Olympiastadion, estádio localizado em Berlim, conhecido por sediar os jogos olímpicos do verão de 1936, organizados durante o regime nazista de Adolf Hitler. Construído entre 1934 e 1936, o Olympiastadion foi planejado para ser o principal local das Olimpíadas. Contudo, os jogos de 1936 foram marcados por polêmicas devido à exploração política realizada pelo regime nazista. Adolf Hitler enxergou as olimpíadas como uma ótima oportunidade de promover a ideologia nazista e de demonstrar a superioridade branca ariana.

Jesse Owens, ao triunfar frente a Hitler ao marcar seu lugar na história Olímpica, desconstruiu as crenças de “raça ariana perfeita”, ao tornando-se o atleta de maior sucesso dos Jogos de 1936. Owens também se tornou o primeiro norte-americano a ganhar quatro medalhas de ouro em uma única Olimpíada. A referência à Owens remete à presença de atletas negros desde os primórdios das Olimpíadas da era moderna, embora em número reduzido, e como sua participação, ainda durante a escravidão, refletia uma tentativa de desumanizá-los, ao mesmo tempo que servia pra entreter e valorizar sua força física.

Conforme conversam ao chá da tarde, Dean continua a manter uma fachada de cordialidade enquanto questiona Chris sobre sua família. Chris revela que foi criado apenas pela mãe, que faleceu em um acidente de carro quando ele era criança. Dean então comenta sobre a festa familiar que ocorrerá no dia seguinte, com a presença de muitos amigos da família, uma festa anual em homenagem ao avô de Rose. Nessa interação, Chris percebe o comportamento estranho de Georgina, a doméstica que trabalha pra família. Tanto Georgina; quanto Walter, o jardineiro se comportam de maneira desconcertante, arrisco dizer até robótico. Dean argumenta que ambos foram contratados para cuidar de seus pais idosos, e que mesmo após o falecimento de seus pais, eles permaneceram trabalhando para a família.

Ao notar desconforto no Chris, Dean o questiona: “*Você fuma, Chris? Está tentando controlar a vontade?*”, Chris diz que está parando, alega ser um hábito desagradável. Dean sugere a Missy para resolver o seu problema com o vício, mas Chris recusa.



Figura 3: Captura de tela realizada pela autora. Fonte: Arquivo pessoal.

4.4 O ESTEREÓTIPO DO NEGRO VIOLENTO E AGRESSIVO

Jeremy, o filho de Missy e Dean, aparece repentinamente na casa, exibindo um comportamento arrogante e ofensivo. Durante o jantar, Jeremy compartilha vivências em sua época de adolescência com Rose, sua irmã. Ao perguntar a Chris se ele é fã de MMA, Chris nega, revelando que apenas praticou judô na escola. Jeremy provoca: *“Judô? Porque com seu porte e seu mapa genético... Se tivesse forçado o seu corpo, treinado de verdade, se não tivesse arregado, você seria um monstro.”*

A provocação de Jeremy reflete um estereótipo racial profundamente enraizado nas estruturas sociais ocidentais, que historicamente associa os homens negros a uma suposta predisposição inata à violência e à agressividade. Essa construção racializada não apenas naturaliza a força física como característica intrínseca ao corpo negro masculino, como também opera para neutralizar sua subjetividade, esvaziando sua humanidade ao reduzir sua identidade a atributos corporais e instintivos. Essa representação desconsidera o fato de que pessoas negras possuem trajetórias singulares, desejos, afetos e capacidades intelectuais que desafiam essa moldura estereotipada. De fato, o corpo do homem negro foi construído pela ideologia racista como um corpo a ser temido, onde habita a violência e a fúria. Suas características — força física, brutalidade, tamanho e até mesmo seu órgão genital — são

sistematicamente exageradas, contribuindo para a brutalização que permeia a forma como a sociedade o enxerga.

Ao associar Chris ao MMA e sugerir que ele seria um “monstro” se tivesse “forçado o seu corpo”, Jeremy perpetua a ideia de que o corpo negro é destinado a papéis agressivos e de alto impacto. Essa visão desumaniza pessoas negras, reduzindo-as a meros objetos de força e ignorando o contexto histórico que moldou tais expectativas, frequentemente limitando suas oportunidades. No caso de esportes como o MMA, a figura do “negro violento” é frequentemente romantizada ou explorada como atrativo para o público, reforçando a ideia de que os negros são úteis apenas em papéis que exigem força ou agressividade, enquanto seu intelecto e sensibilidade são desvalorizados.

Em relação à agressividade imposta aos homens negros, muitos defendem esse tratamento rigoroso, argumentando que ‘eles próprios se autodenominam assim’ ou ‘se divertem e até riem disso’. Essa perspectiva pode ser analisada sob a ótica de que, ao receber um nome ofensivo, o rótulo passa a compor a identidade social do indivíduo. Devido à íntima relação entre a linguagem e a construção da existência, há uma tendência a internalizar termos que ofendem, os quais acabam por definir o sujeito em seu contexto social.

Antes de dormir, Rose se desculpa pelas ações da família e expressa surpresa com a postura deles. Chris responde naturalmente: "*eu te avisei...*". Apesar da ocorrência de situações estranhas desde sua chegada, a noite termina quando Chris sai para fumar na varanda. Walter surge correndo em sua direção, quase o derrubando, mas Chris consegue desviar a tempo. Em seguida, ele vê Georgina se olhando no reflexo da janela de modo assustador, enquanto passa a mão sobre o rosto. Ao voltar para o quarto, encontra Missy, que exhibe características de fala lenta e pausada, uma típica psiquiatra.

4.5 O “LUGAR AFUNDADO”: A REIFICAÇÃO DO CORPO NEGRO E A DESINTEGRAÇÃO DA IDENTIDADE

Missy questiona Chris sobre seu vício em fumar, ressaltando os malefícios causados à saúde. Enquanto mexer suavemente a colher na xícara, faz perguntas pessoais sobre sua mãe. O som da colher batendo na xícara vai intensificando-se, enquanto Chris é hipnotizado pela técnica de associação livre de palavras, levando-o ao ponto chave do seu trauma.



Figura 4: Captura de tela realizada pela autora. Fonte: Arquivo pessoal.

Sem controle sobre a situação, Chris é forçado a reviver a noite em que sua mãe morreu, carregando um profundo sentimento de culpa por não ter conseguido ajudá-la no momento do acidente. Ele acredita que, se tivesse agido de forma diferente, poderia ter evitado a tragédia — um pensamento do qual tenta desesperadamente escapar.

Esse sentimento de culpa e impotência acompanha Chris ao longo de sua vida, e a dor se torna tão avassaladora que ultrapassa o pensamento lógico. Ashlee Blackwell (2019) aponta que o desespero de Chris cresce à medida que o mal ao seu redor se direciona diretamente àquilo que lhe dá estabilidade: suas referências mais fundamentais no mundo.”

Porque uma vez que pessoas negras saem da segurança de suas casas, famílias e comunidades e vão para um mundo repleto de micro-agressões raciais e comportamentos discriminatórios, há uma verdadeira e consciente angústia em relação à perda de identidade e extinção. Essa angústia foi incorporada em nosso DNA por meio de traumas geracionais (BLACKWELL, 2019, p. 14).

Chris percebe que está paralisado. “*Afunde no chão*”, diz Missy, e ele cai em um abismo de escuridão. Nesse vazio, consegue observar o que acontece ao seu redor à distância, como se estivesse preso em sua própria mente. A cadência das imagens se torna mais lenta, enquanto o som complementa uma atmosfera de devaneio e fluidez. Essa sensação remete ao início da cena, ao cervo que foi atropelado no início do filme: Chris, vulnerável, assemelha-se ao animal em agonia à beira da estrada.

O ‘Lugar Afundado’ (*Sunken Place*), é apresentado como uma metáfora poderosa

para a opressão racial e a desumanização. Chris é hipnotizado e mergulhado em um estado de consciência, no qual se encontra incapaz de mover-se, falar ou reagir. Isso simboliza a forma como as pessoas negras, na sociedade, frequentemente se sentem controladas e silenciadas. O ‘Lugar Afundado’ representa uma espécie de prisão mental, onde a identidade do personagem é subjugada e reduzida à impotência, enquanto o corpo é explorado e controlado, a mente está consciente do que está acontecendo. Essa metáfora poderosa captura a sensação de estar preso, incapaz de exercer domínio sobre o próprio corpo, enquanto forças externas, simbolizadas pela família branca de Rose, controlam sua autonomia. Foucault (1987), discute a relação entre o controle social e o corpo:

Em nossas sociedades, os sistemas punitivos devem ser recolocados em uma certa "economia política" do corpo: ainda que não recorram a castigos violentos ou sangrentos. mesmo quando utilizam métodos "suaves" de trancar ou corrigir, é sempre do corpo que se trata — do corpo e de suas forças, da utilidade e da docilidade delas, de sua repartição e de sua submissão. (FOUCAULT, 1987, p. 28)

Chris, mesmo sem sofrer uma punição física direta, ele é subjugado e privado de sua própria autonomia. A sensação de estar preso e incapaz de exercer controle sobre seu próprio corpo reflete o desespero e a luta contra as forças de controle social e racial. Chris, além de ser controlado fisicamente, também é emocionante oprimido, sendo obrigado a assistir passivamente enquanto seu corpo é desumanizado e controlado por forças externas. Tal experiência ressoa com a opressão e discriminação racial, bem como a exploração do corpo dentro de uma “economia política” que ainda vigora nas estruturas sociais contemporâneas.

4.6 FESTA COMO LEILÃO DE CORPOS: REENCENAÇÃO MODERNA DA ESCRAVIDÃO

No dia seguinte à hipnose involuntária realizada por Missy, Chris acorda sem vontade de fumar. É o dia da festa anual em homenagem a Roman Armitage, avô de Rose. O evento reúne convidados mais velhos, ricos e brancos, que são recebidos com formalidade por Walter, o jardineiro, cuja postura denota uma intimidade inquietante.



Figura 5: Captura de tela realizada pela autora. Fonte: Arquivo pessoal.

À medida que a festa se desenrola, os convidados demonstram interesse em Chris, mas de forma invasiva e fetichizada, reduzindo-o a estereótipos e atributos físicos associados ao corpo negro. Comentários desconfortáveis destacam sua força física, resistência e suposta sensualidade, reafirmando o racismo enraizado nas interações sociais. Essas falas ecoam discursos históricos e culturais que associam o corpo negro à força e virilidade, desconsiderando sua humanidade e intelecto.

A festa, portanto, simboliza bem mais do que uma reunião social; é uma representação da objetificação do corpo negro em um sistema que perpetua desigualdades e reifica hierarquias raciais. O leilão que ocorre disfarçadamente, é a reafirmação da lógica colonial, onde corpos negros eram negociados como bens. Essa dinâmica reflete como o racismo estrutural se manifesta em níveis contemporâneos, a festa, portanto, expõe as novas formas adotadas da escravidão, onde a desumanização ainda é presente. Ela não desapareceu, apenas se transformou.

Para escapar desse ambiente opressor, Chris recorre à câmera para registrar o evento e avista outro homem negro na festa, Logan King. Surpreso por não ser o único, Chris se aproxima entusiasmado, mas logo percebe o comportamento robótico e estranho de Logan, que aparenta ser bem mais velho devido à sua maneira de agir, com expressões rígidas, apesar de sua aparência sugerir que é mais jovem.



Figura 6: Captura de tela realizada pela autora. Fonte: Arquivo pessoal.

Logan exemplifica o estereótipo do “negro de estimação”, conceito discutido por Hurston, “aqueles que os brancos admiravam e ajudavam para depois explorarem como bem quisessem” (HURSTON, 2021, p. 42). Esse conceito refere-se à maneira pela qual pessoas negras podem ser admiradas e aceitas em determinados contextos sociais, contudo, essa aceitação, na maioria das vezes, revela-se superficial e condicional. Hurston critica a hipocrisia de uma sociedade que pode enaltecer alguns negros, tratando-os como "exceções" em meio à discriminação e ao preconceito, enquanto, ao mesmo tempo, mantém estruturas de opressoras que desumanizam a maior parte da população negra.

Embora seja admirado por suas habilidades e qualidades, Logan é utilizado como uma ferramenta para reforçar as crenças e valores dos brancos ao seu redor. Isso se manifesta na maneira como sua identidade e suas experiências são apropriadas por aqueles que se beneficiam de sua presença, mas que não o reconhecem como igual. Essa relação entre admiração e exploração destaca a complexidade das interações raciais e os limites da aceitação social.

O estereótipo do “negro de estimação” ilustra como a supremacia branca pode tolerar ou exaltar indivíduos negros apenas quando eles não ameaçam o status quo nem desafiam as normas raciais impostas pelo grupo dominante branco. A exploração de Logan ilustra a dinâmica de poder contínua, no qual pessoas brancas podem se sentir à vontade ao se rodear de negros considerados “aceitáveis”, mas sem jamais questionar ou desafiar as estruturas de racismo que estão enraizadas na sociedade.

Mais tarde, Chris conhece Jim Hudson, um homem cego e admirador de seu trabalho

fotográfico. Apesar de ser impossibilitado de enxergar, o seu assistente descreve cada detalhe das obras de Chris. Jim é proprietário da Hudson Galleries, uma famosa galeria de arte, o homem conta que foi perdendo suas capacidades visuais e motoras. *“Ignorantes. Todos eles. Bem-intencionados, mas desconhecem o que a gente de verdade enfrenta...”* afirma Jim, ao acreditar que só ele tem motivos suficientes para obter o corpo de Chris, visto que muitos querem seu corpo para fins pessoais e estéticos, enquanto ele quer pra poder enxergar.

Ao afirmar que entende “o que a gente de verdade enfrenta”, Jim busca justificar moralmente sua tentativa de se apropriar do corpo de Chris. No entanto, sua fala reflete o privilégio branco que assume que a dor ou necessidade pessoal de um indivíduo branco é suficiente para subordinar a existência de uma pessoa negra. Jim utiliza de justificativas aparentemente progressistas para perpetuar a exploração, ainda que o mesmo não deseje o corpo de Chris por razões estéticas ou de força física, seu objetivo final é o mesmo dos outros, controlar e possuir aquilo um corpo que não lhe pertence.

Durante a festa, Chris se retira para o quarto, e, no instante em que começa a subir as escadas, os convidados interrompem suas conversas e voltam o olhar para ele, mergulhando o ambiente em um silêncio inquietante. O momento reforça a sensação de vigilância constante sobre seu corpo, como se sua simples movimentação naquele espaço fosse um evento digno de atenção. A cena evidencia a alienação de Chris dentro daquele ambiente, o colocando em uma posição de observação, “o outro”, “exótico”. A imagem do negro é uma construção pela exaltação da diferença, “marcando as pessoas negras e sua cultura como o Outro” (COLEMAN, 2019, p. 38).

Ao chegar no quarto, ele percebe que seu celular foi desconectado do carregador, despertando sua desconfiança. Suspeita que Georgina, a governanta, tinha mexido em seus pertences. Ao reconectar o celular e conseguir carregá-lo, Chris liga para Rod e desabafa: *“É esquisito, cara. As pessoas aqui também. Nunca viu um negro que não trabalhasse para eles.”* Ele então conta sobre a hipnose que Missy realizou na noite anterior e como, surpreendentemente, parou de fumar. Mas Rod, sempre desconfiado da família Armitage, o alerta de forma irreverente: *“Como não está com medo disso? Podiam ter feito você fazer qualquer coisa. Até feito você latir como um cachorro. Ou voando por aí como se fosse um pombo. E você ficaria ridículo, ou... Não sei se você sabe, mas brancos adoram escravos sexuais negros.”* Chris sorri e defende a família dos Armitage, mas admite: *“Os negros daqui,*

parece que perderam os movimentos.”, Rod sem hesitar, responde: *“Porque provavelmente foram hipnotizados. Estou apenas juntando os pontos. Estou pegando o que você me apresentou.”* O humor de Rod funciona como um contraponto ao suspense. Suas falas, ainda de cobertas de bastantes sarcasmo, apontam para um medo real e bem fundamentado.

Após a ligação, Georgina aparece no quarto, visivelmente perturbada e se desculpa, mas seu comportamento estranho só aumenta a inquietação de Chris. Em busca de algum conforto, ele decide se abrir e confessa seu nervosismo por estar cercado por pessoas brancas. Georgina, no entanto, discorda e defende os Armitage, afirmando: *“Essa não é a minha experiência. Eles nos tratam como família.”* Ao pronunciar essas palavras, um sorriso tenso e confuso se mistura a lágrimas que escorrem silenciosamente por seu rosto, ilustrando a desconexão entre o que ela é forçada a mostrar e o que realmente sente. Sem dúvidas, essa é uma das cenas mais impactantes do filme, capturando com maestria a falta de controle das suas próprias emoções.



Figura 7: Captura de tela realizada pela autora. Fonte: Arquivo pessoal.

Após retornar à festa, um dos convidados questiona Chris sobre as vantagens e desvantagens enfrentadas pelos afro-americanos no mundo moderno. Em resposta, Chris sorri enigmaticamente e sugere que Logan responda, redirecionando o olhar dos presentes para ele. Com tranquilidade, Logan afirma que, na maior parte, sua experiência tem sido boa. Buscando desvendar a verdadeira identidade de Logan, Chris decide fotografá-lo. Contudo, o disparo acidental do flash rompe o estado hipnótico que dominava o comportamento de Logan, provocando uma reação visceral e um breve despertar de consciência. Em meio a essa reação, Logan exclama: *“Corra!”*. Esse grito serve de alerta, evidenciando o perigo iminente

para Chris. Nessa cena, a câmera transcende seu papel de mero instrumento de registro, transformando-se em um dispositivo capaz de romper com a hipnose.



Figura 8: Captura de tela realizada pela autora. Fonte: Arquivo pessoal.

Após uma série de acontecimentos estranhos, Chris se sente cada vez mais desconfortável e inquieto, decidindo conversar com Rose e expressar seu desejo de partir. Enquanto isso, Dean conduz um jogo de bingo, que na verdade se revela um leilão silencioso — com o próprio de Chris como prêmio. Jim Hudson, o dono de uma galeria de arte, vence o leilão.



Figura 9: Captura de tela realizada pela autora. Fonte: Arquivo pessoal.

Inicialmente, Rose concorda e parece compreensiva, afirmando que juntos voltarão para casa. Enquanto empacotam suas malas no quarto dela, Chris encontra uma caixa de fotografias antigas, cuidadosamente guardada em seu guarda-roupa. As imagens revelam, porém, não apenas laços afetivos anteriores, mas um padrão recorrente de relacionamentos entre Rose e diversos homens negros, incluindo Georgina e Walter, contradizendo sua afirmação de que ele seria o primeiro homem negro por quem ela havia se interessado.

Essa descoberta escancara para Chris que toda a hospedagem na residência configurava-se como uma encenação elaborada do procedimento Coagula, um ritual de transferência de consciência destinado a manter a juventude e reforçar a supremacia branca. Ao compreender a real natureza do plano, que consiste em uma tentativa de assassinato disfarçada de “rito científico” para subjugar corpos negros e usurpá-los, Chris tenta fugir, e nesse momento, a verdadeira face de Rose e de seus familiares se revela.

4.7 CONTEMPLA O COAGULA: A METÁFORA DA TRANSFERÊNCIA DE CONSCIÊNCIA COMO APROPRIAÇÃO COLONIAL E RACIAL

Ao despertar, Chris percebe que está preso a uma cadeira, com o corpo e as mãos imobilizados. Enquanto tenta desesperadamente se libertar, um pequeno televisor se acende à sua frente, exibindo Roman Armitage. A gravação revela, de forma perturbadora, os detalhes do misterioso e cruel *Coagula*. Em sua fala, Roman descreve: *“Você foi escolhido por causa das vantagens físicas que usufruiu durante sua vida inteira. Com seus dons inatos e nossa determinação, podemos fazer parte de algo maior. Algo perfeito. O procedimento Coagula é um milagre feito pelo homem. Vem sendo desenvolvido por nossa ordem há muitos anos e muito recentemente, ele foi aperfeiçoado por alguém que é sangue do meu sangue. Eu e minha família temos a honra de oferecê-lo como um serviço aos integrantes do nosso grupo. Não desperdice sua força, não tente resistir. Não se pode evitar o inevitável. E quem sabe? Talvez um dia, você poderá ser um integrante da família. Contemple o Coagula.”*

A fala de Roman reflete uma visão distorcida e racista que utiliza justificativas biológicas para sustentar a exploração dos corpos negros, como parte de um suposto

“aperfeiçoamento”. Esse processo científico, no entanto, remonta a narrativa histórica de apropriação e controle. Roman Armitage iniciou suas pesquisas após ser perder para o atleta negro Jesse Owens nas classificatórias para as Olimpíadas de Berlim em 1936, evento presenciado por Hitler. Após sua derrota, Roman passou a enxergar negros como pessoas mais fortes, mais atléticas, com mais vigor, e dedicou sua vida a encontrar uma forma de “renascer” em um corpo de um homem negro, acreditando que assim poderia desfrutar o prazer de unir a inteligência dos brancos à força física dos negros. Essa busca, refletida na obsessão de Roman em criar o *Coagula*, ecoa a lógica colonial de que os corpos negros são mercadorias e que podem ser explorado a fim de beneficiar a supremacia branca. Nesse momento, Chris não é apenas um prisioneiro físico, mas também um corpo capturado pelo olhar do outro, reduzido a um receptáculo de valor utilitário. “Eu era ao mesmo tempo responsável pelo meu corpo, responsável pela minha raça, pelos meus ancestrais.” (FANON, 2008, p. 105).

A família Armitage, cuidadosamente preparada para colaborar nesse esquema, desempenha papéis essenciais na execução do procedimento, garantindo o sucesso do plano. Cada membro da família contribui para garantir o controle total sobre os corpos de pessoas negras, Rose realiza a captura das vítimas através de relacionamentos amorosos, Jeremy utiliza a violência para capturar os corpos de pessoas negras, Missy realiza a preparação mental através da hipnose a fim de gerar o esvaziamento do corpo, Dean é o neurocirurgião responsável por realizar o procedimento final; o transplante de cérebro. Por essa razão, Roman passou a viver como o jardineiro da casa, que corria incansavelmente todas as noites, simbolizando sua frustração de nunca ter superado a perda para alguém que ele julgava como incapaz de vencê-lo, precisamente por causa de sua cor.

A estratégia de apagamento de memórias e o esvaziamento da mente não são práticas novas, como enfatiza Renato Barbieri no documentário *Atlântico Negro - Na Rota dos Orixás*. Desde o período da escravidão, houve uma tentativa sistemática de anular as memórias e a cultura dos escravizados. Um exemplo disso, é o ritual da 'Árvore do Esquecimento', realizado no litoral de Benin, também conhecido como Costa dos Escravos. Nesse ritual, os escravizados eram forçados a dar voltas em torno da árvore, a crença de que cada giro resultava na morte das memórias construídas de sua infância, conseqüentemente, de sua identidade.

Os escravos homens deviam dar nove voltas em torno dela. As mulheres sete voltas. Depois disso supunha-se que os escravos perdiam a memória e esqueciam completamente seu passado, suas origens, sua identidade cultural, para se tornarem seres sem nenhuma vontade de reagir ou de se rebelar. Que aberração! Que contradição! Na história humana alguém jamais viu um nagô esquecer suas origens e sua identidade cultural, se ela está tão marcada em seu rosto é tão incrustada em seu coração? (Atlântico Negro — Na Rota dos Orixás, Direção: Renato Barbieri).

Embora *Corra!* seja uma obra de ficção contemporânea, o filme retrata uma versão atualizada do apagamento histórico de corpos e identidades de pessoas negras. No filme, é explorado como esses corpos são esvaziados de sua subjetividade e transformados em recipientes para as mentes brancas, servindo aos interesses da supremacia branca, de forma semelhante ao que ocorria com os escravizados no ritual da ‘Árvore do Esquecimento’. Essa comparação enfatiza como o apagamento da subjetividade negra transcende o tempo, ligando práticas de controle colonial do passado às formas contemporâneas de mercantilização de pessoas negras, que continuam a ser vistas como objetos a serviço de outros.

“O branco quer o mundo; ele o quer só pra si. Ele considera o senhor predestinado desse mundo. Ele o submete, estabelece-se entre ele e o mundo uma relação de apropriação.” (FANON, 2008, p. 117).

Esse controle é frequentemente disfarçado por uma suposta admiração que, em vez de reconhecer a humanidade do outro, reflete um processo de apropriação — onde o corpo negro é desejado como objeto de consumo — e de desumanização, já que esse desejo apaga a subjetividade e transforma o sujeito negro em coisa. Essa admiração mascarada funciona como uma estratégia de dominação simbólica, tornando a opressão aparentemente aceitável e alimentando a ilusão de que há espaço para a ascensão social e aceitação, quando, na realidade, a equidade permanece fora de alcance.

A relação entre brancos e negros no contexto colonial e pós colonial carrega uma dinâmica perversa. Como afirma Hurston (2019, p. 92):

E todo homem branco possuirá a autorização para domesticar um Negro. Sim, ele tomará um homem negro para si próprio para acariciar e estimar, e esse mesmo Negro será perfeito aos seus olhos. Nem o ódio entre as raças dos homens, nem as condições de luta nas cidades muradas, diminuem o orgulho e prazer em ter seu próprio Negro.

O procedimento *Coagula*, funciona como uma forma de objetificar corpos negros,

perpetuando práticas coloniais e escravocratas sob uma roupagem moderna. A suposta “admiração” pela força e resistência de pessoas negras é, na realidade, mais uma forma de desumanização e controle, justificados por fatores biológicos racistas. Esse fenômeno é uma crítica contundente à mercantilização dos corpos negros, uma prática com raízes históricas que continua se manifestando de diversas maneiras opressivas na contemporaneidade.

Nesse sentido, Bell Hooks destaca que os homens negros, mais do que qualquer outro grupo, são frequentemente vistos como desprovidos de habilidades intelectuais. Sob uma perspectiva racista e sexista, que os reduz a “mais corpo do que mente”, são tratados pela sociedade supremacista branca, capitalista, e patriarcal como indivíduos inferiores ou intelectualmente incapazes, reforçando o controle sobre seus corpos, perpetuando a desumanização (HOOKS, 2015, p. 678).

4.8 O SIGNIFICADO DO FINAL: LIBERDADE APARENTE OU CICLOS INTERRUPTOS?

No momento em que Chris utiliza o algodão para tapar os ouvidos e evitar a hipnose, ele não apenas escapa de uma manipulação imediata, mas também subverte um símbolo carregado de dor e sofrimento. O algodão, historicamente associado ao trabalho forçado dos escravizados nas plantações dos Estados Unidos, é reconfigurado por Chris como um instrumento de resistência, uma ferramenta de sua própria libertação. Esse gesto carrega consigo uma força simbólica profunda: ao usar o algodão, Chris desafia o peso da opressão histórica e transforma um símbolo de subordinação em um ato de afirmação de sua liberdade.

Após enfrentar cada membro da família Armitage, Chris se vê sobre o corpo ensanguentado de Rose. Ao perceber a aproximação de uma viatura policial, Rose esboça um sorriso calculista — ciente de que, em uma sociedade permeada pela supremacia branca, a presença de um homem negro sobre um corpo branco ensanguentado seria suficiente para sua condenação imediata. Aproveitando-se dessa dinâmica perversa, ela grita por socorro, tentando distorcer a realidade e inverter os papéis, apresentando-se como vítima. A cena do filme exemplifica o processo de criminalização da negritude, que, segundo Angela Davis, transforma o sistema prisional em uma estrutura ideológica que serve para excluir e marginalizar indivíduos e, ao mesmo tempo, desviar a atenção das questões fundamentais

que afligem as comunidades marginalizadas (DAVIS, 2018).

O filme apresenta dois desfechos distintos. No final original, Rod, amigo de Chris, surge ao volante de um carro da TSA e o resgata, garantindo sua liberdade. Sua aparição nesse momento crucial não apenas dissipa a tensão final do filme; mas também reverte a expectativa de um desfecho trágico para Chris, algo comum em narrativas de terror protagonizadas por personagens negros. Além disso, esse desfecho desafia as convenções do gênero, no qual pessoas negras costumam ser vítimas descartáveis, e reafirma a importância das redes de apoio dentro da comunidade negra, destacando a coletividade como uma ferramenta essencial para a sobrevivência e resistência.

Já no final alternativo, um policial branco surge e prende Chris pelo assassinato da família Armitage, reafirmando o ciclo implacável do racismo estrutural, que criminaliza corpos negros mesmo em situações de legítima defesa. Essa dualidade não apenas questiona a legitimidade da defesa de Chris, mas também evidencia, de forma contundente, o destino trágico imposto pelo racismo estrutural: um sistema onde a justiça nunca é plenamente alcançada, mesmo quando há provas de autopreservação. O final alternativo escancara como o sistema judicial opera, invertendo narrativas e perpetuando a criminalização de pessoas negras.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mais do que um simples entretenimento, *Corra!* provoca uma reflexão profunda sobre como o racismo opera de maneira velada e persistente nas relações sociais. Ao longo deste estudo, tornou-se evidente que a obra de Jordan Peele não apenas denuncia a objetificação dos corpos negros, mas também tensiona a noção de um mundo “pós-racial”, revelando que a supremacia branca se reinventa e se mantém através de novas formas de controle.

A análise crítica do filme possibilitou não apenas a compreensão das dinâmicas raciais representadas na narrativa, mas também o reconhecimento do audiovisual como um poderoso dispositivo de crítica e debate. Peele não oferece respostas prontas; em vez disso, convida o espectador a questionar a naturalização da violência racial, estimulando um olhar mais atento sobre as imagens que consumimos e as histórias que são contadas — e por quem

são contadas.

Este estudo adotou uma abordagem interdisciplinar ao cruzar a Antropologia Visual com os Estudos Raciais, ampliando a compreensão do racismo não como um fenômeno isolado, mas como uma estrutura historicamente consolidada. Ao interpretar os elementos visuais e narrativos do filme à luz de teorias sociais e históricas, buscou-se enriquecer o debate acadêmico, demonstrando como o cinema pode operar como ferramenta crítica na desconstrução de narrativas opressivas.

Além da análise fílmica, o cine-debate promovido na UFPB – Campus IV ressaltou a importância da troca coletiva na construção de novas perspectivas sobre raça e representatividade. A interação entre diferentes públicos evidenciou que *Corra!* não se limita a uma única interpretação, mas se desdobra em discussões sobre ancestralidade, apropriação cultural, exotização do corpo negro e os resquícios do colonialismo. Esses diálogos reforçam o potencial do cinema como ferramenta pedagógica para questionar estruturas raciais e estimular reflexões sobre mudanças sociais.

Com isso, este trabalho não se encerra em si mesmo, mas busca abrir caminho para novas investigações. A relação entre cinema e relações raciais ainda possui múltiplas camadas a serem exploradas, desde a recepção de filmes como *Corra!* até sua influência na produção audiovisual contemporânea. O cinema, enquanto instrumento de crítica e resistência, continua sendo um espaço essencial para repensar as narrativas construídas no imaginário social e possibilitar novas percepções que rompam com a marginalização dos corpos negros.

Diante das profundas desigualdades raciais enraizadas, torna-se imprescindível que o audiovisual seja analisado não apenas como entretenimento, mas como um agente capaz de conscientizar e evidenciar as tensões sociais contemporâneas. Ao fornecer representações mais autênticas e diversificadas da negritude, o cinema pode contribuir para o dismantelamento dos estereótipos raciais, abrindo caminhos para uma sociedade mais inclusiva. No entanto, é essencial reconhecer que boas intenções, por si só, não são suficientes; é necessário um esforço contínuo e sistemático para confrontar as narrativas opressivas e promover uma educação antirracista. O cinema, como arte e discurso social, possui o potencial não apenas de transformar percepções individuais, mas também de questionar e modificar as próprias estruturas que sustentam o racismo. Por fim, esperamos

também, que este estudo some a outras abordagens antropológicas no campo dos estudos raciais.

6. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro: Editora Jandaíra, 2020.

AUGUSTO, Heitor. **Corra! Jordan Peele: Esse sabotador**. Urso de Lata, 2017. Disponível em: <https://ursodelata.com/2017/06/08/corra-jordan-peelee-esse-sabotador/>. Acesso em: 11 set. 2024.

BARBOSA, Ana Carolina; TEODORO, Renata. **Antropologia Visual e Cinema: Uma Introdução**. São Paulo: Editora Hucitec, 2006.

BARBIERI, Renato. **Atlântico Negro: Na rota dos Orixás** [Documentário]. Brasília, DF: Videografia Criação e Produção, 1998. 54 min. VHS; idioma: Português; colorido. Disponível em: <https://youtu.be/2I0gjOhcZ-o?si=s9tGG5cZKuczPu3>. Acesso em: 12 out. 2024.

BBC NEWS BRASIL. **Protestos contra violência policial se espalham por cidades dos EUA**. 2016. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-36744318>. Acesso em: 2 dez. 2024.

BLACKWELL, A. Como chegamos aqui? In: COLEMAN, R. R. Means. **Horror Noire: a representação negra no cinema de terror**. Rio de Janeiro: DarkSide Books, 2019.

BRASIL DE FATO. **Se queremos mudar o mundo, deve ser a partir da luta antirracista, diz Mireille Fanon**. Brasil de Fato, 22 nov. 2018. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2018/11/22/se-queremos-mudar-o-mundo-deve-ser-a-partir-da-luta-antirracista-diz-mireille-fanon>. Acesso em: 01 out. 2024.

COLEMAN, Robin R. Means. **Horror Noire: Blacks in American Horror Films from the 1890s to Present**. Austin: University of Texas Press, 2019.

CORRA!. Direção: Jordan Peele, Produção: Couper Samuelson, Edward Hamm Jr., Jason Blum, Raymond Mansfield, Sean McKttrick. Intérpretes: Daniel Kaluuya, Allison Williams, Bradley Whitford, Catherine Keener, Betty Gabriel, Marcus Henderson. Roteiro: Jordan Peele. Los Angeles: Blumhouse Productions, 2017. 1 DVD, (104 min.), color.

DAVIS, Angela. **Estarão as prisões obsoletas?** Tradução: Marina Vargas, 2. ed. Rio de Janeiro, Difel, 2018.

FANON, Frantz. **Pele negra máscaras brancas**. Tradução: Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão**. Tradução de Raquel Ramallete. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

GONZALES, Lélia. **Racismo e Sexismo na cultura Brasileira**. In: *Revista Ciências Sociais Hoje*, Anpocs, 1984, p. 223-244.

HOOKS, Bell. **Escolarizando homens negros**. *Revista Estudos Feministas*, v. 23, n. 13, Florianópolis, nov. 2015, p. 677-689.

HURSTON, Zora Neale. **O sistema negro de estimação**. Ayé: *Revista de Antropologia*, Acarape, 01 abr. 2021. Edição: 2021: Fire!!! Textos escolhidos de Zora Neale Hurston (Edição Especial). Disponível em: <https://revistas.unilab.edu.br/index.php/Antropologia/article/download/652/344/1893>. Acesso em: 01 nov. 2024.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MATHIAS, Ronaldo. **Antropologia Visual**. São Paulo: Nova Alexandria, 2016.

NGANGA, João Gabriel do Nascimento. **O ATIVISMO NEGRO POR MEIO DO CINEMA: Ações e representações dentro e fora das telas**. Orientador: Profa. A Dra. Maria Elizabeth Ribeiro Carneiro. 2019. 200 f. Tese (Doutorado em História) - Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/25146>. Acesso em: 30 set. 2024.

PEELE, Jordan. **Entrevista sobre Corra! [Entrevista]**. Em *The Hollywood Reporter*, 21 de fevereiro de 2017. Disponível em: <https://www.hollywoodreporter.com/news/general-news/awards-chatter-podcast-jordan-peelee-get-1051488/>. Acesso em: 21 ago. 2024.

PENAFRIA, M. **Análise de Filmes – conceitos e metodologia (s)**. VI Congresso SOP-COM, Abril de 2009.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SANTOS, José Carlos dos. **O Terror no Cinema**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2009.

TAVARES, Caroline. **Cinema de horror: o medo é a alma do negócio**. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2010.

TAVARES, João. **História do Cinema de Terror**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2010.

VANOYE, Francis; GOLLOT-LÉTÉ, Anne. **Ensaio sobre a análise fílmica**. 5. ed. Trad. Marina Appenzeller. Campinas: Papyrus, 2008.